

O LUGAR DE BELEZA E A ESTRANHEZA: UMA RELAÇÃO DISCURSIVA DO CORPO NEGRO NO CIBERESPAÇO

Felipe Muniz¹

Na forma ciber acionada na materialidade do ciberespaço, como nos lembra Dias (2004), os sujeitos não escapam da interpelação, e por ali, a partir da posição-sujeito, enunciam sentidos em torno da visualização do corpo e da beleza negra na virtualidade. Nesse ciber-cenário, entendo que o corpo e a beleza negra são tensionados na sua relação com a memória colonialista quando pensamos no corpo que estamos acostumados a ver ciberespaço: o corpo branco discursivizado como bonito e que gera *likes* e curtidas no ciberespaço.

Assim, a forma *on-line*, acionada na dimensão do ciberespaço, sustenta e engendra a constituição de redes relacionais na rede, ou seja, mantém uma relação entre sujeitos no ciberespaço, que levando em consideração as suas próprias condições de produção, estabelece um efeito imaginário de liberdade, de possibilidades de estar, experienciados pelos seus usuários, ainda que sua estrutura comunicacional, os domínios das funções técnicas, os recursos ofertados e as normas, políticas e suporte regidos, sejam intermediações reguladoras que impõe e direcionam para um funcionamento das relações virtuais (DIAS, 2004, grifo meu). Isso porque, a presença da técnica, proveniente do mundo virtual, interpela o indivíduo em sujeito na sua relação com o ciberespaço (Dias, 2004, grifo meu).

É pensando nessa conjuntura que, me amparando na análise do discurso materialista, chego então ao gesto de análise de um tweet postado em uma campanha publicitária de maquiagem da Avon, estrelada pela atriz Clara Moneke. O tweet é uma resposta ao perfil da @AvonBr e para a @claramoneke: “Não sou racista, reconhecer o ser de cada um, mas ultimamente, só vejo propaganda e vídeos de perfumaria em geral, feita por mulheres negras” (SD1). Diante disso, empreendo a seguinte pergunta discursiva: quais são os discursos que ancoram e atravessam o corpus na construção “não sou racista, mas [...]”, tomando como especificidade o ciberespaço enquanto lugar potencializador de enunciações?

Compreendendo que o corpo branco sempre se viu associado ao lugar da beleza na seara eurocentrada, o corpo negro quando deslizado ao centro (estético), quando deslocado para o lugar de representação estética, quero dizer, ao lugar de sinônimo do belo, gera estranheza, surpresa, confusão, desaprovação, pois não se esperaria ver o corpo negro vendendo produtos de beleza, não se esperaria que ele estivesse no centro, já que é um corpo historicamente construído na margem.

Tendo em vista o panorama do lugar do corpo, Bento (2022) discute que o corpo negro é visto como invasor quando está em um território que brancos consideram privativos. Com isso, a autora argumenta que

¹ Mestrando com bolsa CAPES pelo programa de pós-graduação em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

quando um corpo negro está posicionado em um espaço de poder, de mando, por exemplo, estaria então *fora do lugar*, já que ali seria uma jurisdição que apenas o corpo que tudo pode, o corpo branco, deveria estar ocupando e conseqüentemente exercendo a função de comando (Bento, 2022, grifo meu).

No caso do que é formulado na SD em análise, a estranheza se materializa no questionamento da frequência com que o corpo negro vem aparecendo nas propagandas de beleza. Na impossibilidade de questionar o próprio corpo negro, para não soar racista, fato de saída “esclarecido” pelo tweet (não sou racista, [...] mas [...]), produz-se um questionamento nunca feito antes ao predomínio da branquitude nesse espaço. Portanto, compreendendo a estruturação eurocentrada da formação social brasileira, temos o racismo como elemento estruturante das práticas sociais, de modo que se vê embrenhado e naturalizado nos mais diversos âmbitos (Modesto, 2021), inclusive no ciberespaço.

Na construção do enunciado em SD1, se reconhece a existência do racismo, admite-se que ele está presente nas práticas sociais, e então passamos para um jogo argumentativo entre o “não sou”, o “mas” e o complemento. Com isso, quero chamar a atenção desses fragmentos da enunciação, começando por “não sou”.

Nesse fragmento, uma declaração é posta em funcionamento, denotando o reconhecimento do racismo ao mesmo tempo em que exprime uma distância por parte do enunciador pela afirmação de “não ser” racista, quero dizer, reconhece que existem sujeitos racistas, mas ele não fala de uma posição-sujeito racista. O sujeito do tweet separa a si mesmo como sujeito que protagoniza o racismo, ao mesmo tempo em que antecipa uma afirmação contrária, na qual compareceria como racista.

Adiante, o “mas” introduz uma relação de desequilíbrio ou de desigualdade entre o que acabara de ser afirmado (pela negação), visto que nesse contexto a conjunção funciona sob natureza adversativa, isto é, que possui sentido contrário ao que foi enunciado anteriormente, prevalecendo sobre ela. O “mas” funciona como elo de oposição entre o que foi dito e o que será dito, que seria o complemento da oração. Dessa forma, na relação entre duas proposições que são coordenadas por “mas”, a segunda acaba negando a primeira.

No nosso caso, analisando todo o enunciado, temos como efeito de leitura possível essa mesma compreensão em SD1.1: não sou racista [{lugar de enunciação/distância do racismo}] MAS [{oposição/negação de um argumento usado anteriormente}] ultimamente só vejo propaganda e vídeo de perfumaria em geral, feita por mulheres negras [{estranhamento + reprovação]}.

Explica Proença (2017, p. 338, grifos do autor) que “quando alguém diz ‘não sou racista, mas não gosto de pretos’, fica evidente a conclusão anteriormente feita: a segunda parte (‘[...] mas não gosto de pretos’) nega a primeira (‘não sou racista [...]’)”. Proença (2017) conclui então que, embora determinado sujeito afirme expressamente não ser racista, acaba negando isso, logo na sequência, pelo uso da conjunção adversativa “mas” em consonância com o complemento que vem depois disso, pois a

prevalência e a ênfase permanecem no que está depois da conjunção que sintaticamente se opõe ao que foi dito.

Como as pessoas, em alguns casos, procuram salvar sua face e atacar a do outro, elas adotam comportamentos ameaçadores em relação ao interlocutor; se este tem face negativa, busca-se reforçá-la, por meio da invasão de território, com ordens, conselhos e ameaças; se, por outro lado, a face do outro é positiva, busca-se a destruição dessa imagem, com reprimendas, refutações e críticas, se se quer torná-la negativa. É o que ocorre quando se utiliza a expressão “não sou racista, mas...”, que, na prática, produz o efeito pragmático de reforçar a face negativa dos negros. Esse ataque à face dos negros é marca da discriminação e exclusão social de que eles são vítimas (Proença, 2017, p. 339).

Face ao funcionamento discursivo em SD1, a oração coordenada iniciada após a conjunção “MAS” introduz uma refutação não só na afirmação “não sou racista”, mas também aponta para a perplexidade ou a estranheza de campanhas publicitárias de cosméticos e perfumarias em geral serem estreladas por pessoas pretas. Tomando como base a citação de Proença (2017, p. 339), tenho que o discurso em SD1 operacionaliza uma relação de justamente “salvar sua face e atacar a do outro”, ao mesmo tempo em que produz o efeito pragmático de refutar o lugar do corpo negro estrelando uma campanha publicitária.

Assim, voltando-me para a relação de estranhamento e de reprovação posta em funcionamento em SD1, a partir da maior ocupação do corpo negro em domínios que outrora poderiam ser considerados como brancos, Bento (2022, p. 106, grifos da autora) postula que o diverso, o diferente do centro (branco) se torna instantaneamente inapropriado a partir da comparação com a “referência” ou com o “modelo” (branco). Nesse sentido, o corpo negro, atado pela ideologia dominante eurocentrada, é assim discursivizado como inadequado, inaceitável e incômodo de acordo com os padrões impostos. Fanon (2020, p.165) argumenta que “o negro não tem consciência disso enquanto sua existência decorrer em meio aos seus; mas, ao primeiro olhar branco, ele sente o peso da sua melanina”.

Nessa ótica, o corpo negro, engendrado na sociedade eurocentrada, é formulado e munido de demarcações, sempre “a sombra da referência” – o corpo branco, é um corpo inaceitável e “fora do lugar”, de modo que lhe é atribuído justamente o peso de sua melanina. Entendo que o corpo negro, interpelado ideologicamente, funciona como suporte para o corpo branco se nomear referência ou mesmo o corpo “universal”, já que toda hierarquia precisa de uma base para se solidificar em uma posição mais acima. E que base é essa? É negra.

Pensando na pergunta anteriormente lançada em torno das disputas de beleza do corpo negro no ciberespaço, esse breve gesto de análise permite considerar algumas questões: a) conforme discutido anteriormente, a formação social capitalista atravessa a reivindicação da beleza negra, capitalizando-a, o que pode estar materializado na presença da empresa/marca no ciberespaço, a partir da propaganda de uma atriz negra; b) apesar de ser vinculada a campanhas publicitárias de beleza, a presença do corpo negro vendendo produtos de beleza no ciberespaço gera estranhamento, ainda que tal estranhamento dissimule não ser racista; c) na (im)possibilidade de radicalização do racismo na virtualidade, o preconceito



racial aparece textualizado de diferentes formas, inclusive em formas não explícitas, articuladas pela enunciação de um “não sou racista, mas [...]”.

REFERÊNCIAS

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

DIAS, Cristiane Pereira. **A discursividade da rede (de sentidos)**: a sala de bate-papo HIV. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=492836>. Acesso em : 5 maio 2022.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu, 2020.

MODESTO, Rogério. Os discursos racializados. **Revista da ABRALIN**, v. 20, n. 2, p. 1-19, 2021. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1851>. Acesso em : 29 ago. 2022.

PROENÇA, Paulo Sérgio de. “Não sou racista, mas...”: motivações linguísticas da proverbial retórica à brasileira para a negação do racismo. **A Cor das Letras**, v. 18, n. 2, p. 336-344, 2017. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/77c2/deb0a1c89478c202705cf6a9f2ea6347e960.pdf>. Acesso em : 15 jun. 2023.